Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 791

20 DE DEZEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um crime de assassinio, que muitos motivos põem fóra da vulgaridade dos crimes, atenuado talvez por muitas circumstancias, doloroso por que levou a maior das dôres a muitos innocentes, réo e victima tendo vivido na mais alta sociedade de Lisboa, foi uma d'estas noites commettido e logo se tornou assumpto para os mais apaixonados commentarios.

Nem d'outra coisa se falava, absorvendo todas as curiosidades dos indifferentes, pungindo os corações de todos os que haviam conhecido ou sido amigos dos desgraçados, que não é pequeno o numero d'elles.

E todos dão suas razões, discutem pormenores, philosophan sobre o caso.

Mas a verdade é esta: aquelle quinto acto tenebroso faz parte d'uma tragedia em que muitos dos que hoje falam, arripiados, tomaram parte nos quatro actos primeiros. Fingem-se hoje meros espectadores, applaudem uns, pateiam outros, mas todos entraram n'aquella acção, senão como primeiras partes, pelo menos com a complacencia de comparsas e os gestos ensinados que viam fazer aos outros.

Quando um final d'estes commove a inteira sociedade, não lhe fica a esta bem fingir que sai friamente pela porta da geral, d'onde viu de longe o drama. Medite na culpa que n'elle teve e dê outra volta ao enredo ou enredos em que vai mettida, para que não sigam o caminho das soluções tragicas. E esse trabalho bom era que começasse desde que o panno se levanta. Depois não ha ter mão na logica dos successos.

Ha de esquecer o facto, outros assumptos hão de vir distrahir as attenções. Mas não hão de enxugar-se com a mesma pressa as lagrimas dos desgraçados a quem vieram contar que o filho querido estava no *morgue* atravessado por duas balas, as lagrimas de cinco innocentes criancinhas lindissimas, todos os dias perguntando pelo pae, que está preso porque matou um homem.

São dôres que duram uma vida inteira. E entretanto na comparsaria ha de haver quem sonhe primeiras partes, emquanto a orchestra preludia nos intervallos. Aquella tragedia acabou. Os que ficaram vivos, chorando, sahiram da scena para sempre. E tudo esquece, como até esquecem as obras do genio, os ciumes do *Othello*, as indecisões do *Hamlet*, a altivez do *Mysanthropo*, as philosophias do *Fausto*. Tudo esquece e até poucos sabem do Evangelho. O panno vai erguer-se, vão correr como em comedia os actos até quasi ao desenlace. Depois...

Sempre ha de ser assim, dizem pessimistas. Porquê, se nem sempre foi?

Servisse ao menos o exemplo, já que foi tamanha a commoção. Nem d'outro assumpto se falava, nem sequer havia tempo de commentar os discursos de El-rei e do almirante inglez, as noticias da alliança de Portugal com a Inglaterra analysada pelos periodistas hespanhoes, a que altivamente responderam os jornaes portuguezes, a viagem do Kruger, o máo exito obtido pelo Presidente do Transwaal na sua malograda visita ao Imperador da Allemanha, o retrahimento da Rainha da Hollanda.

Voltas que dá o mundo! Tão triste o honrado chefe da nação boer sahiu da patria, de tanta esperança o encheram os primeiros que na Europa o applaudiram, tão desanimado deve agora pensar no desasocego dos seus annos velhos!

As noticias da guerra na Africa do Sul continuam ainda a sobresaltar os animos. Não era felizmente exacta a que se referia a um ataque dos boers contra as forças portuguezas em Komati-Poort. Até á data d'um despacho recebido pelo sr. ministro da marinha, nada houvera proximo da fronteira portugueza, a não ser certos movimentos estrategicos dos boers. Todas as providencias necessarias estavam tomadas. Bem andou portanto o governo mandando uma forte expedição para Lourenço Marques. O telegramma do governador termina dizendo que, segundo todas as probabilidades, os boers não tentarão nenhuma investida contra as nossas forças. Novas posteriores confirmaram a excellente noticia, dando os boers como desistindo da investida, que mal poderiam dar sem entrar em territorio portuguez.

Ainda bem. Teremos festas felizes, não perturbadas com receios de guerra.

O seculo vai-se approximando do seu termo e não sei se o primeiro de janeiro proximo se poderá chamar de Seculo Bom. Seria talvez pedir um pouco de

Secretario — Medico — Official ás ordens — Kruger — O governador Antonio José Machado

O PRESIDENTE KRUGER EM LOURENÇO MARQUES

(De photographia do sr. J. & M. Lazarus)

mais. Mas se é verdade o que se diz, que os portuguezes até no pedir são mesquinhos, façamos por esta vez uma excepção. Os horisontes estão claros, tento não caias, não se estendem pela cupula do céo grossas nuvens temerosas, alarguemos os corações e, até onde a vista pelo futuro abranja, alegremos o nosso olhar. Um seculo bom . . ! Afinal ainda é pedir pouco.

Ainda não ha muito, a proposito da alliança ingleza, ouvi citar o Baudarra: «Das ruinas de Hespanha se levantará Portugal.»

O peor é que já lá vai o anno com que os sebastianistas mais contavam e que era 1881, anno sem direito nem avesso, de traz para deante, de pernas para o ar, visto ao espelho ou visto á transparencia, sempre egual. E' triste termos de appelar para 8118!

Dizem que o Bandarra era de Casevel e ali pelos arredores ainda é tido em certa estimação. N'uma das suas quadras diz-se que fala n'um cavallo monstro de ferro, que comeria lume e deveria andar sem pernas, que em Casevel se demoraria por muito tempo, antes que caminhasse até ao Algarve. Ora assim succedeu muitos annos com o comboio. Quem sabe se o Bandarra não tem muita vez razão?

Na hora em que estou escrevendo esta chronica, alastra-se pelo Tejo um nevoeiro.. Quando chegará *Elle* lá da Ilha Encoberta, onde espera a hora de cumprir o seu destino?

Ha quem ria!.. Pois não temos todos nós um sebastianista cá dentro? E o que elle nos ajuda a viver!... É quem nos dá os sonhos bons e pinceladas d'oiro nas nuvens de temporal. Sorri-nos em todas as desgraças e faz crescer folhinhas verdes de esperança no topo de cada saudade. Alenta-nos com sorrisos e bons conselhos de paz nos nossos desesperos. Excellente, querido sebastianista, como eu te estimo e te abraço, commovido, cheio de gratidão!

Ainda bem que assim nos encontra a aurora do seculo XX.

Prophetas, astrologos, alchimistas, ainda teem seu trabalhinho a fazer. Mudaram de nome apenas, mas continuam a ser ouvidos e consultados. As mesas, que andam á roda, teem grandes encargos a cumprir. O preciso é que haja quem alente os sonhos, que sonhar é que é viver para a maior parte.

A realidade é quasi sempre tão triste!... Tão poucas alegrias verdadeiras ha por esse mundo...!

Não foi, porém, com estas philosophias, que um dia d'esta semana passada, varios amigos de Affonso Taveira embarcaram na ponte do Caes do Sodré para uma viagemzinha até ao Lazareto, onde foram buscar o intelligente emprezario. Ali, sim, no *Victoria*, houve alegria verdadeira. Taveira chorava commovido e todos os que o abraçavam partilhavam d'aquella commoção. Os filhinhos, que elle não via ha tantos mezes, esperavam-o a bordo; as saudes não descontinuavam; o céo estava uma belleza; o giro artistico pelas terras do Brazil não fôra mão; todos voltavam com saude. Sempre uma vez por outra, ha uns dias de alegria na terra.

Não se sabe por emquanto se Taveira organisará companhia em Lisboa. Horas depois de haver desembarcado, partia para o Porto, onde hoje tomará parte n'uma recita em beneficio da familia de Cyriaco de Cardoso

Uma nuvem sempre devia haver.

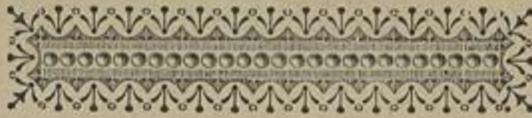
Taveira trouxe do Brazil um musico de muito talento, Nicolino, que será o encarregado de substituir Cyriaco na direcção da orchestra. E' um solista notavel, ensaiador e compositor de merito.

Em theatros pouco mais ha, além da abertura de S. Carlos, que é sempre o mais notavel facto theatral de todos os invernos.

Para janeiro a Réjane. E conheceremos então em Lisboa uma obra d'um dos mais notaveis, senão o mais notavel de todos os dramaturgos francezes: Abel Hermant.

A Duse despediu-se de nós, cahindo morta com o tiro que lhe deu Claudio. Meia duzia de palmas... um agradecimento contrafeito... Não ha nada mais voluvel do que o publico dos theatros portuguezes! Doente como ella estava, é certo não podia dispôr de todos os seus extraordinarios recursos; mas já se viu alguma vez melhor do que a scena da *Casa de Boneca*, em que Nora escuta, pasmada, os improperios do marido?

Aquillo, sim, é genio!... Mas as bengalas estão no bengaleiro, apanhal-as é uma difficuldade, e os casacos e os binoculos, ámanhã vai-se aos elephantes, que é de chapéo na cabeça, meia duzia de palmas... E adeus á Duse para sempre!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

KRUGER EM LOURENÇO MARQUES

No palacio do governador, cujo frontispicio hoje reproduzimos, foi o Presidente do Transvaal hospedado pelo sr. Antonio José Machado.

A forma porque o glorioso velho foi acolhido pelas auctoridades portuguezas, o carinho de que o cercaram, o respeito com que foi tratado, são reconhecidos por todos aquelles que, com boa fé costumam falar das nossas coisas. Eloquentemente responde a grosseiras calumnias a carta dirigida por Kruger ao governador geral da provincia, sr. conselheiro Joaquim José Machado.

No grupo que reproduzimos vemos o glorioso vencido com seu secretario, medico, o governador de Lourenço Marques, sr. Antonio José Machado, e o ajudante que foi posto ás ordens do presidente transvaliano.

Essa photographia é um documento eloquente. Os primeiros passos do homisiado dirigiram-o para quem só diligenciou fazer-lhe esquecer amarguras.

Foi tal a correcção das auctoridades porguezas, que do proprio governo britannico recebeu o de Portugal testemunhos de consideração por esse motivo. Pois não deixou de ser difficultosa a sua posição e perigosa a demora do presidente em Lourenço Marques.

Tudo correu pelo melhor, felizmente.

NAPOLEONE VELLANI

Muito desejaria satisfazer o pedido que me fez a redacção do Occidente, de acompanhar com algumas palavras o retrato do professor Vellani, mas para tal seria necessario que eu dispuzesse sequer d'uns simples traços biographicos, o que dada a urgencia do pedido, me não foi possivel obter. Terei, pois, de limitarme a sygnificar quanto me foi agradavel ter este ensejo de patentear toda a minha admiração por esse artista que durante tantos annos tem conservado entre nós um logar proeminente, sem que a fadiga o tenha prostrado em toda uma vida consagrada ao arduo mister de dar licções. E' que Vellani, sobre ser um apostolo fervente da arte que professa, tem em cada discipulo um amigo, um admirador, que, seguindo-lhe os judiciosos conselhos, faz, pelos progressos adquiridos, esquecer tudo quanto monotona e de fastidiosa deve ser a tarefa a que tem consagrado a existencia.

Napoleone Vellani é o mais antigo dos nossos professores de canto, e é avultado o numero de discipulos que publicamente tem demonstrado o seu grande valor e o seu excellente methodo de ensino. Entre estes, como figura a destacar-se n'uma aureola de luz, está Regina Pacini, essa peregrina cantora cujos primeiros passos, ja seguros, como os de uma artista consagrada, faziam facilmente prevêr um futuro glorioso. E, quando n'este nosso amesquinhado meio artistico, um professor logra apresentar uma discipula como Regina Pacini que nas primeiras scenas lyricas do estrangeiro é proclamada e victoriada, não precisa de outros documentos comprovativos do seu merito.

No entretanto, ainda ha poucos dias em uma *matinée* no salão de S. Carlos, Vellani nos veiu mostrar que trabalha sempre e que lhe sobram elementos para isso. Ajuntou um grupo de discipulos constituindo um interessante programma cuja execução seria mais um elogio para o eminente professor, se este d'elle carecesse.

Publicando-lhe pois o retrato e contando-o no numero dos homens de valor indiscutivel, a redacção do Occidente presta justa homenagem a um dos nossos melhores artistas.

J. Neupart.

O BANQUETE NA SALA DO RISCO

Entre as festas com que se assignalou a visita ao Tejo da esquadra ingleza do Canal, foi, sem duvida, a mais significativa, depois do banquete offerecido por S. M. El-Rei ao almirante Rawson, o banquete offerecido pelo governo portuguez, ao almirante e officiaes da esquadra, na Sala do Risco do Arsenal de Marinha, em a noite de 8 do corrente.

N'esse banquete, de mais de duzentos talheres, em que tomaram parte, além do almirante inglez e toda a officialidade da esquadra, os membros do governo, ministro inglez, officiaes superiores da armada e do exercito, altos funccionarios, etc, houve troca de brindes affectuosissimos e enthusiasticos, sendo de alta significação os discursos pronunciados pelos srs. ministro inglez e almirante Rawson, em que mais confirmaram o que haviam dito no banquete d'El Rei.

Como documento importante para a historia, aqui reproduzimos esses discursos:

Discurso do sr. ministro inglez

Pela segunda vez tenho a rara fortuna de me erguer n'esta sala para agradecer a fórma amavel por que o governo de el-rei de Portugal, pela bocca do sr. presidente do conselho, tão sentida e calorosamente brindou á rainha minha augusta e amada soberana. E' desnecessario que eu assegure a v. ex.ª que será o meu primeiro cuidado levar esta circumstancia ao conhecimento de sua magestade.

Não me abalançarei a ser interprete dos sentimentos que desperta no almirante sir Harry Rawson e nos officiaes sob o seu commando o faustoso e amigavel acolhimento que tão cordealmente lhes fizeram os seus camaradas da nobre e historica marinha de guerra portugueza. Mais eloquentemente do que eu dirá o almirante Rawson o que elles todos pensam e sentem n'esta occasião memoravel. Se me atrevi a dirigir-me esta noite a vv. ex.as foi unicamente para corresponder ás palavras lisonjeiras com que o sr. presidente do conselho acaba de referir-se á minha soberana e ao meu paiz e levantar um brinde que é caro ao coração de todo o subdito britannico.

Antes de o fazer, porém, aproveitarei tal ensejo para agradecer ao governo de sua magestade fidelissima, da maneira mais calorosa, a attitude amigavel que manteve com tanto tacto para com a Gran Bretanha durante a guerra, attitude que foi no mais al o grau apreciada pelo governo de sua magestade. Como o sr. presidente do conselho ainda ha pouco disse, não é de recente data a alliança que une as duas nações; não só tem raizes no passado, mas ainda no presente se affirmam. Assim como os vasos de guerra modernamente se transformaram para corresponder pela sua construcção e armamento ás necessidades actuaes, melhor que as caravelas dos tempos antigos, assim tambem foi necessario remodelar e adaptar ás exigencias de hoje os velhos diplomas que no passado nos uniram.

O governo de sua magestade considera, pois, que mais se robusteceram com os recentes acontecimentos os tratados ha tanto tempo existentes entre os dois paizes, e que — repetidas vezes se tem affirmado — a ambos obrigam ainda.

É, por conseguinte, o sincero e leal empenho do governo de sua magestade que esta firme e antiga amizade e alliança decididamente se mantenha de futuro.

Peço que todos a mim se associem ao desejar venturas e prosperidades a Portugal, saude e felicidades a el rei, á rainha e a toda a familia real.

Discurso do almirante sr. Rawson

Ex.mos Senhores. Meus Senhores! — Ao agradecer a maneira em extremo affectuosa pela qual s. ex.ª o ministro da marinha levantou, e vv. ex.as acolheram, o brinde á marinha britannica e aos seus officiaes que se acham agora no Tejo, não encontrarei palavras bastante calorosas para exprimir quanto nós todos apreciamos as attenções que nos são tributadas e á marinha a que pertencemos.

Senhores! N'esta immensa reunião de cerca de 300 pessoas, entre as quaes vejo junto a mim todos os membros do governo portuguez, todos os officiaes superiores da marinha e do exercito e tambem muitos officiaes de todas as categorias, deputados e pares de Portugal e representantes dos funccionarios civis, sinto que este magnifico banquete, sendo ostensivamente cumprimento de boas vindas á esquadra britannica, tem por fim real honrar a nação e accentuar a amizade e alliança entre Portugal e a Grân Bretanha e Irlanda.

Lisboa e o seu formoso Tejo teem sido sempre considerados como um dos mais aprazíveis portos visitados pela esquadra britannica e como uma das mais agradaveis estações.

Espero que a esquadra do Canal visitará muitas vezes o Tejo, estreitando assim os laços de amizade e união existentes entre os dois paizes.

A ultima vez que eu tive a honra de jantar n'esta esplendida sala, ao agradecer a deslumbrante recepção que nos foi feita, citei alguns dos muitos nomes illustres d'aquelles grandes navegadores que outr'ora descobriram, póde dizer-se, o mundo oriental, pois que até os portuguezes abriram caminho, dobrando o tormentoso Cabo da Boa Esperança, para o Oriente, que era mais ou menos um mytho, uma região de onde provinham as especiarias e as sedas mas só por caravanas terrestres. Não havia caminho maritimo directo, e a homens como os que nomeei, todos portuguezes, a Vasco da Gama, a Bartholomeu Dias, a Affonso de Albuquerque, a João de Castro e a outros como elles, deve realmente o mundo o seu immenso commercio do Oriente.

Quem, como eu, visitar ambas as costas de Africa, por toda a parte onde fôr verá que os portuguezes ali chegaram seculos mais cedo. Que colonisadores aquelles! que soberba coragem a de penetrar n'essas regiões desconhecidas! Porque, recordando as superstições que n'aquelles tempos povoavam de demonios e de monstros a parte do globo ainda por descobrir, podemos avaliar realmente o animo necessario para arrostar tanto com os perigos conhecidos no mar, e com os temporaes do Cabo do Sul em tão pequenos navios, como tambem com os perigos desconhecidos em terra. Que heroes esplendidos hão de ter sido! A Inglaterra deve lhes muito, porque as suas colonias do Oriente e o seu grande commercio ali, são em grande parte o resultado das vidas, do trabalho e da coragem d'esses homens.

Regosijei-me ao receber ordens de Inglaterra para visitar novamente este bello rio e patentear, pela nossa presença

aqui, a franca amizade que, sob todos os pontos de vista, existe entre Portugal e a Inglaterra. Sou simplesmente um official de marinha e nada sei, pois, de politicas nacionaes; no emtanto, sei que o governo de sua magestade corresponde sinceramente aos sentimentos ha pouco manifestados por sua magestade o rei de Portugal e pelo que me diz pessoalmente respeito, aspiro a vêr realisada a mais estreita união e alliança entre as duas nações.

Antes de propôr o brinde á prosperidade da marinha nossa irmã, permitti que agradeça, em nome da marinha britannica, a magnifica recepção que considero, como disse, dedicada á nação que sempre foi vossa amiga e alliada.

Não encontro, como desejaria, expressões para testemunhar o muito que apreciamos este brilhante acolhimento. Mostra elle que, um e todos, sois realmente nossos verdadadeiros amigos, por isso agradeço em nome do meu paiz. Possa a antiga alliança estreitar-se cada vez mais.

O brinde que tenho a propôr, é á marinha portugueza, e falo em nome dos officiaes meus camaradas, dizendo que sentimos e sabemos que essa marinha manterá brilhante a gloriosa tradicção que lhe foi legada por aquelles grandes heroes seus illustres antepassados.

Senhores! Brindo pelos nossos camaradas na marinha irmã, pela marinha portugueza!

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1885-1886

Logo depois de concluidas as recitas da assignatura ordinaria da companhia lyrica, houve uma serie de recitas pela companhia franceza de operetta e vaudeville, cujos principaes artistas eram Lucie Chassaing, Lentz, Maurel e os actores Worms, Dupuis etc.; era emprezario J. Schurmann o engajador da Patti.

O reportorio foi o seguinte:

La vie parisienne, de Offenbach em 26 de abril, *Lili*, de Hervé, em 28 de abril de 1886, *Niniche*, de Marius Boullart, em 30 de abril, *Le chapeau de paille d'Italie*, de March Michel e Labiche, em 1 de maio, *Mamzelle Gavroche*, de Hervé em 4 de maio. Para as recitas que se realisaram no theatro de S. Carlos, por occasião das festas do casamento do principe real D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orléans, escripturou a empreza o tenor Tamagno, a dama Virginia Damerini, o baixo Serbolini, e alguns dos artistas da actual epocha lyrica.

Logo que terminaram as recitas da companhia franceza foi apeado e desarmado o grande lustre, e em seu logar foi collocada uma rosa ou circulo de bicos de gaz junto ao tecto, e 8 candelabros na 1.ª ordem; a sala ficou quasi ás escuras; o effeito d'esta nova illuminação era detestavel.

Na recita de gala, que se realisou em 23 de maio, a illuminação foi por meio de luz electrica, com lampadas de incandescencia; na 1.ª ordem havia 12 candelabros e na 2.ª e frisas 20 com 5 lampadas cada um; na tribuna estavam 5 lustres com 8 lampadas cada um, o que perfazia ao todo 200 lampadas; eram estas lampadas alimentadas pelas correntes de duas machinas dynamo-electricas de Siemens, movidas por uma locomovel de 16 cavallos, installadas no pateo da Academia Real das Bellas Artes, na rua Nova dos Martyres, hoje Serpa Pinto. A illuminação era esplendida; intensa e regular.

N'esta ultima assignatura extraordinaria deram-se as seguintes operas:

Poliuto, de Donizetti, em 13 de maio, por Borghi-Mamo, Tamagno, Coletti, Durini, Waldés, Silva, Ghidotti.

La Semiramide, de Rossini, em 15 de maio, por Borghi-Mamo, Scalchi-Lolli, De-Bassini, Serbolini, Waldés, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 17 de maio, por Virginia Damerini, Scalchi-Lolli, Tamagno, Coletti, Serbolini, Waldés, Durini.

Em 21 de maio, em beneficio dos bombeiros municipaes de Lisboa, da associação 24 de junho e da viuva Dalmau, houve no theatro de S. Carlos, a preços mais elevados, o seguinte espectaculo: 3.º acto da *Norma*, por Damerini, Todo, De-Bassini, Serbolini, 2.º acto do *Propheta*, por Scalchi, Damerini, Tamagno, Serbolini, Waldés, Durini, Silva, Chaves; duetto do 4.º acto dos *Huguenotes*, por Borghi-Mamo e Tamagno; uma symphonia de Julio Neuparth e um *Divertissement*.

Em 23 de maio verificou-se a recita de gala pelo casamento do principe D. Carlos de Bragança com a princeza D. Amelia de Orléans; o espectaculo compoz-se do 1.º acto de *Semiramide*, terminando na cavatina de *Arsace*; 1.º quadro do 2.º acto da mesma; 2.º quadro do 2.º acto da *Aida*; 3.º acto da *Aida* e um *divertissement*.

A sala de S. Carlos estava de um esplendor como ainda se não vira; a illuminação era magnifica; as *toilettes* muito vistosas, a que fazia magnifico quadro a elegancia e belleza da sala, que é uma das mais bellas de todos os theatros da Europa.

Estavam na tribuna real: Rainha D. Maria Pia, Princeza D. Amelia de Orléans e sua irmã D. Helena, e seu irmão o duque de Orléans, Princeza de Joinville, condessa de Paris, Rei D. Luiz I, Principe Real e seu irmão infante D. Affonso Henriques, seu tio infante D. Augusto, conde de Paris, duque de Chartres, principes Amadeu de Saboya, Jorge de Inglaterra e Fernando de Saxe-Cobourg; era deslumbrante o effeito da tribuna real.

Citaremos dois episodios d'esta extraordinaria festa; o somno do noivo, e a ovação á noiva. O principe real D. Carlos de Bragança, que evidentemente estava estafado, de figurar em tantas festas, durante tantos dias, quasi toda a noite esteve a dormir, e a escabecear, na tribuna. No fim do 3.º acto da *Aida* a familia real retirou-se, fazendo, como de costume, a sua elegante saudação ao publico, a esbelta e magestosa figura da rainha D. Maria Pia; todos seguiram a rainha, menos a princeza D. Amelia que se deixou ficar para traz, e que, por seu turno, veiu em seguida á frente da tribuna fazer uma graciosa e risonha cortezia ao publico; então os espectadores romperam em estrepitosos applausos e vivas á princeza, prolongando-se esta ovação por alguns minutos, dando-lhe, porém, fim, o rei D. Luiz I que veiu buscar a princeza, que então se retirou acompanhada pelo seu noivo e por seu sogro.

N'este mez de maio houve, no salão do theatro da Trindade, concertos de musica classica de camara por Monasterio (violino), Urrutia (violeta), Alfredo Napoleão (piano), Caggiani (violino), Silva (violoncello).

Em 8 de junho d'este anno de 1886 houve no theatro de S. Carlos uma representação da opera *I Promessi sposi*, de Ponchielli, por amadores, em homenagem ao real consorcio; representaram: Luiza da Silva, Maria Perry Botto, Gertrudes Mora de Oliveira, João Affonso (tenor), José Avelino Baptista (barytono), D. José de Almeida (baixo), Paulo de Quental, Miguel Marques; a orchestra era composta de artistas de S. Carlos; a opera foi ensaiada e regida por Antonio Duarte da Cruz Pinto. A primeira dama Luiza Silva, cantou a romanza do 2.º acto da opera *Forza del destino*, de Verdi. Dos amadores que representaram n'esta opera merece especial menção D. José de Almeida, pela expressão e gosto que imprimia ao canto com a sua agradavel voz de baixo cantante, e pela maneira distincta de estar em scena; era filho de D. Francisco de Almeida, ajudante do rei, e neto dos viscondes de Carnide por sua mãe.

Em 10 de junho houve no salão da Trindade um concerto por amadores, em que se executou o poema lyrico *Les Orientales*, de A. Keil, para orchestra, com coros, bailados, e solos de contralto, tenor, baixo e violino; regeu o maestro Filippe Duarte e ensaiou os coros Guilherme de Barros. Tem esta composição bons trechos onde se revela inspiração, e a orchestração é graciosa e aprimorada.

Em 21 de junho houve á noite um concerto no salão de S. Carlos em beneficio do trompa Thomaz Del-Negro.

Em 27 do mesmo mez houve n'aquelle salão um concerto em beneficio do pianista Alfredo Napoleão

Em 15 de julho houve no salão do theatro de S. Carlos em beneficio de Bonafous, mestre dos coros do mesmo theatro, um concerto em que figuraram algumas discipulas d'aquelle maestro.

Logo no principio da epocha theatral, um triste acontecimento veiu affligir o emprezario; em 17 de novembro de 1885, falleceu uma sua filha, Maria Henriqueta de Campos Valvez, de uma erysipela na cabeça; era uma sympathica rapariga que apenas tinha 14 annos de edade. Por este motivo o theatro fechou as suas portas ao publico nos dias 17 e 18 do dito mez.

Foi a estação theatral de 1885 a 1886 uma das mais brilhantes pelo grande numero de celebridades que illustraram a scena de S. Carlos. Além das já conhecidas no nosso theatro, Cotogni Fidés Devriés e Tamagno, vieram realçar este templo da arte lyrica, o tenor Masini, a dama Patti e o contralto Scalchi-Lolli.

Angelo Masini não pisava pela primeira vez o palco de S. Carlos; já d'elle fallámos descrevendo a epocha de 1873 a 1874; era então um joven principiante com uma voz agradavel; n'estes doze annos decorridos desen volveu-se, porém, extraordinariamente como cantor, de mimo, delicadeza e expressão. N'este genero nunca ouvimos nenhum tenor tão perfeito; eram suas qualidades especiaes o *smorzare*, o canto a *fiore di labbro*, a *mezza voce*, os *pianissimos* e a *agilidade*; era surprehendente no *Barbeiro de Sevilha*, e na scena da morte da *Lucrecia Borgia*; devemos tambem citar como interpretação elevadissima a que deu ao desempenho do 3.º acto do *Fausto*, não só como cantor mas tambem como actor. É o tenor de *mezzo caratere* mais perfeito que temos ouvido; a agilidade do seu orgão vocal era vertiginosa, correcta e facil; não julgávamos que houvesse n'este tempo um tenor que podesse cantar a parte de *Almaviva* no *Barbeiro de Sevilha* com tal correcção e rapidez de agilidade, juntas ao mais delicado e primoroso canto e elegancia artistica. Um defeito tinha porém, Masini, que com o tempo se aggravou consideravelmente; era cantar fóra de tempo e transtornar muitas vezes o rythmo.

Finalmente recebeu o palco de S. Carlos, em março de 1886, a prodigio sa cantora Adelina Patti; já não era sem tempo. Havia um quarto de seculo que a famosa *diva* seguia a carreira lyrica com um successo cada vez mais estrepitoso; filha da dama Barili e do tenor Patti, que haviam cantado em S. Carlos em 1840, como dissémos n'outro logar, a celebre artista vinha precedida de tal fama, que depois de tão longa carreira podia mui bem dar-se, sem ser caso de espanto, que já estivessem decadentes esses assombrosos predicados que tinham feito de Adelina Patti uma cantora unica. Mas a natureza que tão prodiga fôra em dotes musicaes para com ella, ainda lhe foi generosa na conservação de tão raras qualidades durante tantos annos, e a cantora, por seu lado, cultivando as diversas formas da arte lyrica, ainda mais fez realçar o que recebera da natureza.

Com effeito tinhamos ouvido a Patti, por varias vezes e na epocha do seu apogeu; em 1862 no *Barbeiro de Sevilha* em Londres, em 1867 na *Somnambula* em Paris, e no *Trovador* em 1878 em Londres. Apreciámos então, sobretudo nas duas primeiras operas, as qualidades excepcionaes de dama ligeira que tornavam a Patti unica no seu genero; a extensão, volume, belleza de timbre, e facilidade, da voz, e uma agilidade e *fioriture* maravilhosa de nitidez, *forte ou piano*, rapida ou lenta, na escala ascendente ou descendente; mas o que, nos ultimos annos, adquiriu a mais, e que o publico lisbonense, poude apreciar no theatro de S. Carlos, foi a expressão e sentimento no canto, e o apropriado na acção e nos gestos; assim se a Patti exhibia as maravilhas da dama ligeira no *Barbeiro de Sevilha*, no *Rondó da Lucia*, no *Eco de Eckert* etc; fazia ouvir um canto doce e voluptoso na valsa *Il bacio* de Arditi, soltava phrases apaixonadas e sentidas na *Traviata*, e na *Carmen*, de Bizet, era um magnifico typo de andaluza apaixonada, canalha, graciosa e vingativa. Juntemos a estas recordações ainda, que no spartito de Bizet dançava como qualquer *salerosa manola* nos bailados do 2.º acto juntamente com a Casatti e o corpo de baile, e que no 4.º acto d'esta opera e no ultimo da *Traviata*, simulando com notavel propriedade, duas scenas de genero tão oppostas, uma no auge do despero e a outra nas ultimas palpitações da tisica, mostrou como o estudo dera ao seu talento a faculdade de se revelar tambem superior na acção e nos gestos.

A Patti agradou muito em Lisboa; mas não teve n'esta epocha *coteries* a prepararem-lhe ovações nem damas da alta sociedade a organisarem-lhe festas; de modo que os applausos, flores, corôas e outras manifestações de agrado, foram inferiores ás que obtiveram artistas de valor incomparavelmente menor, e n'esta mesma epocha; mas nem sempre a justiça humana é completa; e os applausos nem sempre, em quantidade e qualidade, correspondem ao merecimento de quem os recebe

Para este facto, que lança sobre o publico do nosso theatro lyrico certa mancha de injustiça, que de certo não era a primeira, nem provavelmente será a ultima, concorreram varias circumstancias, como a excessiva elevação dos preços, o estar a Patti pouco tempo em Lisboa, o modo de vida que a celebre cantora levava, viver muito retirada, não fazer caso de altos personagens em posição, ou riqueza, antes pelo contrario ser mais accessivel aos pequenos, etc. A *diva* preferia um jantar frugal e intimo em casa do mallogrado folhetinista Julio Cesar Machado, ás mais esplendidas funcções da côrte. Contaremos a respeito da Patti em Lisboa um episodio que então se deu.

Logo que se desenvolveu enthusiasmo por ouvir a Patti, o antigo emprezario do theatro de S. Carlos, Freitas Brito, que, com geral admiração, nunca a contratára para aquella scena durante a sua longa gerencia, lembrou-se de a apresentar no Colyseu, que agora explorava como emprezario, para o que se dirigiu a J. Schurman, que era o emprezario particular da Patti e com ella se achava em Lisboa.

Dizia-se que entre outras condições impostas

CASA DO GOVERNADOR DE LOURENÇO MARQUES, ONDE ESTEVE HOSPEDADO O PRESIDENTE KRUGER

(De photographia do sr. J. & M. Lazarus)

por Schurman, figurava uma singular; desejava o habito de Christo, para juntar a outras condecorações que já possuia. Não pareceria difficil a Freitas Brito satisfazer a esta exigencia; pois que não tem sido pouco prodiga a regia munificencia em conceder estas e outras graças n'estes reinos, a nacionaes e estrangeiros; e tendo amigos influentes no governo julgaria talvez o negocio feito. O que é certo é que logo correu rapida a noticia de que a Patti daria algumas recitas no Colyseu a preços muito inferiores aos de S. Carlos, o que não seria para admirar, visto a vastidão da sala do Colyseu, que comporta grande numero de logares nas galerias.

(Continua)

Francisco da Fonseca Benevides.

Folheando a historia

A humanidade, ora acariciada pela brisa fagueira da ventura, ora, bruscamente, sacudida pelos vendavaes da desdita, é o eterno ludibrio d'essa abstracção potente e caprichosa, fatal e inconstante, e, não raro, illogica e injusta que se chama *Destino*.

Hoje, prazeres e alegrias, ámanhã, amarguras e lagrimas; no presente, as riquezas de Creso, no futuro, as penurias de Job; n'um momento, o prestigio da força, as honrarias que envaidecem, n'outro, o vexame da escravidão, as humilhações que deprimem.

Como as tempestades oceanicas, levando o fragil baixel até ás nuvens, para, rapido, o conduzirem aos abysmos, assim as volubilidades do destino, arrojam o ser humano ás culminancias da gloria, para, n'um momento, o lançarem nas voragens do infortunio! Triste condição da humanidade, esta, que a não deixa confiar em si, que a sobresalta, de continuo, com as incertezas do porvir.

No entretanto, cumpre dizel-o, se taes vicissitudes, são, por vezes, superiores á vontade humana, manifestando-se espontaneas, inevitaveis; se se impõem com toda a energia da sua natureza, zombando de habeis esforços para as conseguir ou evitar, imperando despoticas e exigindo passividade complacente ou resignada, — na maioria dos casos, é indiscutivel, o homem prepara, com o seu procedimento sensato ou irreflectido, as bôas ou más situações da vida, é responsavel unico dos bens e males que o possam deleitar ou affligir.

Quantas vezes, uma tactica intelligente, sabiamente, pensada, nos não encaminha á posse do supremo bem? uma iniciativa luminosa, resoluta nos não salva de uma situação difficil? Ou, então, quantas outras vezes, seduzidos por falsas miragens, norteados por errados raciocinios, ou impulsionados por ruins paixões, nos não lançamos nos braços da desgraça e, em estreito amplexo com essa triste realidade, esgotamos a taça do soffrimento e aspiramos o fatal ambiente que consome e mata?

Alternativas da fortuna, superiores, ou não, aos designios humanos, o homem é sempre o objecto de taes caprichos, com os

NAPOLEONE VELLANI

(De photographia do sr. Camacho)

O Real Theatro de S. Carlos

ADELINA PATTI

quaes, de bom ou máo grado, se deve, afinal, familiarisar.

Que eloquentissimos quadros, em que o horisonte da vida, atravez dos seculos, é, ora illuminado e aquecido pelo sol vivificante e consolador da felicidade, ora entenebrecido pelas nuvens densas e temerosas da desventura, nos não offerece a historia, a grande mestra da vida, a realissima photographia do passado?

Os maiores imperios, no auge da opulencia, decahindo, de um para outro momento, desfeitos em pó diante dos que lhes succedem, como diz um escriptor moderno.

As velhas monarchias do Oriente, os classicos imperios do Occidente, as collectividades politicas da Edade Media, as modernas e as contemporaneas nacionalidades experimentando esses *vaevens da sorte*, successivamente appetecidos e detestados, acolhidos com bençãos e recebidos com maldições!

O nosso paiz, esse decrepito nauta e guerreiro, tambem compartilhou das leis fataes do destino.

Nem sempre as quilhas das suas náus singraram mares de rosas, ou viu reflectir o sol das victorias na sua armadura reluzente. O pavilhão das quinas, assim como se adornou com as palmas vicejantes de venturosos feitos, tambem se velou com os crepes de infaustos successos.

D'entre as desgraças da patria, destaca-se uma, que, só por si, merece a lamentação de todas as elegias.

Foi um desastre espantoso, completo, com todo o cortejo de funestas consequencias.

Confrange, profundamente, lêr as paginas das velhas narrativas, relatando, em desataviada phrase, essa expedição louca de Alcacer.

Um principe exaltadissimo, genio fogoso e indisciplinado, vontade despotica, reagindo com conselheiros prudentes e experimentados, vencendo todos os obstaculos para escutar, apenas, a voz do seu orgulho indomavel, foi a causa unica do maior dos infortunios nacionaes—a perda da independencia.

Graves e temerosas responsabilidades, assumem aquelles, aquem, por direito de berço ou de suffragio, se confia o melindrosissimo cargo de chefe politico. A nau do estado navega, geralmente, em mares perigosos, o escarceo é frequente, e leve impericia do timoneiro é, muitas vezes, fatal.

E D. Sebastião, um verdadeiro cego de espirito, obcecado pela idéa fixa da guerra, intenta a nas mais deploraveis condições, e attrae sobre o pobre paiz que n'elle confiou, as mais terriveis provações!

A historia, como juiz inflexivel, não lhe perdôa e o successor de D. João III, jámais se libertará do affrontoso epitheto de *algoz da patria*.

O povo, todavia, sempre ingenuo e compassivo, olha o seu rei *desejado*, pelo lado do sentimentalismo e, se o não absolve, não se atreve a condemnal-o. Lastima-o nos seus desastres, impressiona-se com o seu fim mysterioso e tece-lhe uma lenda messianica, em que a elegia e a prophecia se entrelaçam poetica e graciosamente.

Conduzida antes pelo coração que pela razão, a alma popular sente, não reflexiona e sob este ponto de vista, o heroe d'Africa é, realmente, digno de dó. Morto ás mãos dos infieis que n'elle cevam a sua furia, ou salvo do morticinio, errante, perseguido, soffrendo mil inclemencias, é um verdadeiro martyr expiando, bem rudemente, os seus erros. Vibra todas as fibras de um coração sensivel e acaba por despertar a sympathia e, porventura, a mais forte das sympathias — a do infortunio.

Antes de nascer, D. Sebastião já tinha conciliado o affecto da nação; desejavam-no, ardentemente, como penhor de independencia.

D. João III, tivera a fatalidade de vêr desapparecer, prematuramente, nas sombras do tumulo, a sua numerosa descendencia. Encontrou-se, nos ultimos annos da sua vida, apenas, com dois filhos: a princeza D. Maria, esposa de Filippe de Hespanha e o principe herdeiro D. João, casado com D. Joanna, filha do imperador Carlos V, mas que tambem, por sua vez, falleceu na curta idade de 16 annos. Extremamente, deplorada, esta morte seria um verdadeiro desastre nacional, se a princeza viuva tendo ficado de esperanças, não désse, á luz, pouco tempo depois, descendente, porque sem herdeiro directo, D. João III, segundo contracto, que tacita e anti-patrioticamente fizera com Castella, legaria a corôa a sua filha D. Maria ou

ANGELO MASINI

á sua descendencia, ficando, assim, seriamente compromettida a autonomia portugueza.

Apezar de secreto, este vergonhoso ajuste transpirou, passou a ser do conhecimento da nação, que, anciosamente, inquieta, divisava nos seus horisontes politicos a tão detestada união iberica. Felizmente, tal acontecimento não se realisou, graças ao nascimento de D. Sebastião, o filho posthumo, que veio salvar a corôa de seus maiores — ou, antes, adiar a sua perda. Tão captivante missão rodeou de sympathias o joven principe que, com o correr dos annos, pela sua esbelticidade e dotes viris, acabou por se tornar, não obstante graves defeitos, que frequentemente revelava, o idolo do paiz.

Destro no jogo das armas, perito na arte de cavalgar, forte como um Hercules e valente como um Alexandre; defensor da fé até ao sacrificio e enthusiasta até ao delirio, o *novo temor da maura lança*, na linguagem encomiastica do epico, reunia perante vassallos em extremo submissos, e por elle, verdadeiramente, magnetisados, todos os predicados de um rei cavalleiro, excepcional, d'um ente predestinado para a realisação de não vulgar empreza.

N'estas condições, fascina e arrasta, loucamente, para o abysmo, vidas preciosas, interesses sagrados.

N'essa horrorosa procella, n'essa lucta titanica de Alcacer em que o sangue alaga os campos e os combatentes se retalham com tigrina furia, por entre o estrondo pavoroso das armas e os gritos lancinantes das victimas, atravez nuvens espessas de fumo e de poeira, o vulto do rei é extraordinario, inexcedivel de valor. Com a cabeça descoberta, crivado de golpes, ennegrecido pela polvora, espumante de raiva, escapando-se-lhe dos labios palavras de desesperação e triturando-lhe o espirito, talvez, a serpe do remorso, abre sulcos profundos nas fileiras dos infieis, pratica actos de uma bravura inaudita e, por fim, desapparece, mysteriosamente, n'essas lugubres regiões, onde, no dia 4 de agosto de 1578, emmurcheceram os louros de Ourique e Aljubarrota, e a patria dos Gamas e dos Albuquerques, vendo eclipsar-se a estrella fulgurante das suas venturas, começou a experimentar o martyrio gradual e lento de sessenta annos de opprobrio!

Qual seria o verdadeiro fim do temerario chefe da expedição contra Abdelmelec?

São tres as supposições: — que morrera em campanha; — que se escapara e vendo a empreza, totalmente perdida se suicidára; — que errante e fugitivo, procurara voltar á patria, que, anciosa, o esperava.

A primeira hypothese parece ser a mais provavel. *A dignidade real deve perder-se com a vida*, tal foi a energica resposta dada por D. Sebastião a Christovão de Tavora, quando este general, com os olhos marejados de lagrimas, lhe rogava que se rendesse para salvar a vida. Quem responde d'esta fórma, não recúa ante o perigo, é um bravo; disposto a combater até á ultima extremidade, sacrifica-se pela causa que defende, morre heroicamente. Ao mesmo tempo os adversarios teriam o maior empenho em não deixar impune o seu principal inimigo. Morto ou prisioneiro, procurariam apoderar-se d'elle, empreza, que lhes não seria difficil, attendendo ás condições em que o monarcha, por fim, pelejava — quasi isolado dos seus e completamente cercado pelas tropas agarenas. Não se rendeu, não conseguiram aprisional-o, logo resta a unica solução plausivel — a morte.

Fazendo justiça aos sentimentos religiosos do rei e de que deu as mais eloquentes provas, é inadmissivel a hypothese do suicidio, completa infracção das leis divinas, por elle tão, severamente, respeitadas; como bem pouco provavel é a terceira conjectura — de que se evadira do campo da acção, com o fim de regressar a Portugal, não só pela demonstrada coragem do monarcha, que não permittiria que elle voltasse costas ao inimigo, como pela quasi impossibilidade, de se subtrahir, em regiões que, certamente, lhe eram estranhas, á perseguição, que devia ser tenacissima, dos naturaes d'essas mesmas paragens e, portanto, excellentes conhecedores de todos os seus recessos.

Na crença popular, todavia, D. Sebastião não morreu na campanha. Extremamente querido, joven e valente, symbolisando a organisação politica de uma nação e o espirito valoroso de um povo, a morte não ousou feril-o, respeitou-o como ente privilegido. A missão d'esse principe original não devia terminar na lucta, isso seria vulgarissimo. Indicado para mais altos destinos, foi, segundo a credulidade ingenua, recolhido n'uma *Ilha Encoberta*, e, ahi, aguardando a opportunidade, em a noite popular do santo Precursor, depois de tres dias de cerrados nevoeiros, tomaria a resolução de se dirigir á patria, annunciando-lhe a fundação de um vasto imperio, de que cingiria a corôa, depois de exterminar a heresia mahometana!

Nas horas de adversidade a crença depura-se, notavelmente, e, nos espiritos menos esclarecidos, excede-se a ponto de tocar as raias da superstição.

Como o povo judaico esperando o Messias que lhe restituirá a felicidade, sem que o desengano dos seculos lhe abale a fé; como o velho habitante da Bretanha confiando na reapparição do rei Arthur, portador das maiores venturas, assim o bom povo lusitano, o credulo *sebastianista*, aguardou, durante largos annos, a vinda do seu idolo, do seu soberano, verdadeiramente, *desejado*.

Tal preoccupação alimentada depois pelas celebres prophecias de Simão Gomes, Bandarra e Beato Antonio e que tanto dominou os espiritos em Portugal, prende-se com a incerteza, aliás bem fundamentada, com que foi recebido, vindo de Marrocos, um cadaver que diziam ser de D. Sebastião e que recolhido em apparatoso tumulo, no templo dos Jeronymos, em Belem, perpetúa no epitaphio a não dissipada duvida: *Hic jacet sepultus, si vera est fama, Sebastus.*

A lenda sebastianica impondo-se como lenitivo unico a uma serie de males que affligiam o paiz, esperança meiga e consoladora de uma rehabilitação politica mais ou menos problematica, era o derradeiro lenho do naufrago, avidamente, abraçado.

Dogmatica, quasi, pela sua feição maravilhosa, era de molde a relacionar se com as mais curiosas peripecias, como as comicas tentativas com que uns personagens, de inolvidavel memoria, procuraram illudir a boa fé nacional, inculcando-se D. Sebastião. A especulação fez ruido, e a historia regista quatro aventureiros, que, afinal, como Orapastes, o falso Smergis, da antiga Persia, pagaram caro a sua ousadia.

Passaram á posteridade com os epithetos de *rei de Penamacôr, rei da Ericeira, pasteleiro de Madrigal e Calabrez.*

São quatro figuras muito originaes, cujos papeis mais ou menos habilmente representados, merecem o interesse do historiador que, abstrahindo a fórma theatral e algo grotesca da exhibição, pode divisar n'essas singulares aventuras, atravez um exterior criminoso, um sentimento patriotico, ou um louvavel desejo de subtrahir ás garras de Castella, á deploravel sujeição de um jugo escravisador, esse nobre paiz tão respeitavel pela fidalguia dos seus pergaminhos, como sympathico pela inclemencia dos seus infortunios.

Não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature, resa o velho aphorismo.

Assim é que o formosissimo sol que rutilou nas espadas invenciveis de Affonso Henriques e Alvares Pereira, se eclipsou em Alcacer-Kibir, para se ostentar, de novo, radiantissimo no Montijo e Montes Claros; que a importancia politica dos aureos tempos de João II e Manuel o *Venturoso*, vacillante nos dias nefastos do *Desejado* e do *Cardeal* e, completamente, abatida com a dynastia estrangeira, resurge vigorosa no seculo XVIII, opulenta em João V e altiva em Sebastião José de Carvalho.

São as vicissitudes da vida.

Acolhendo as jubilosos, quando favoraveis, acceitemo-las resignados, quando adversas, e com os olhos fitos na estrella acariciadora da *esperança*, aguardemos, com animo sereno, o doce raiar de uma aurora de venturas.

Damasceno Nunes.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

(Continuado do numero antecedente)

Passou o braço esquerdo pelo pescoço de Demetrio, estendeu a mão tremula para o punho da espada, tirou a custo a lamina para fóra da bainha e encaminhou-se para a escada onde os insurrectos se aventuravam hesitando. Ao vel-o, recuaram todos, como se a terra se houvesse aberto para deixar passar o grande juiz dos infernos. Eram quinze ou vinte, todos armados: nenhum se atreveu a defender-se, nem a desculpar-se, nem a fugir. Todos vergavam-lhes as pernas como perante o rosto ameaçador do Rei ressuscitado.

Hadgi-Stavros marchou direito para Coltzida, que se escondia, mais do que os outros pallido e enregelado. Deitou o braço para tr z n'um esforço impossivel de medir-se e d'um só golpe decepou aquella cabeça ignobil e espantada. Voltou-lhe depois o tremor. Deixou cahir a espada junto do cadaver e não se dignou levantal-a.

— Vamo-nos embóra, disse. Levo vasia a bainha. A lamina já não presta, nem eu; acabou se.

Os antigos companheiros chegaram-se a elle para lhe pedir perdão. Não os honrou com uma só resposta. Pediu-nos que o levassemos a Castia para arranjar cavallos e a Salamina para procurar a Photini.

Os salteadores não se oppuzeram á nossa partida.

Ao cabo de poucos passos, os meus amigos perceberam que só a muito custo me arrastava. Giacomo amparou-me. Harris perguntou-me se eu estava ferido. O Rei deitou-me um olhar de supplica. — Coitado! — Contei que havia tentado uma evasão perigosa, que fôra fatal para os meus pés.

Descemos devagar os atalhos. Os gritos dos feridos e as vozes dos salteadores, que ficaram deliberando, perseguiram-nos por meio quarto de légua. A' medida que nos iamos approximando da aldeia, o tempo foi melhorando, os caminhos enxugavam sob os nossos passos. O primeiro raio de sol pareceu-me uma belleza.

Hadgi-Stavros pouca attenção prestava ao mundo exterior. Descêra o olhar sobre si mesmo. Não é facil deixar velhos habitos de cincoenta annos.

Ao chegarmos ás primeiras casas de Castia encontrámos o frade que levava um enxame dentro d'um sacco. Pediu-nos desculpa de não nos ter ido ver desde a vespera; tivera medo de tantos tiros. O Rei fez-lhe um signalzinho com a mão e foi-se andando.

Os cavallos dos meus amigos esperavam-os com o guia ao pé da fonte. Perguntei-lhes porque haviam trazido quatro cavallos. Disseram-me que o sr. Mérinay fazia parte da expedição, mas que se apeára para observar uma pedra e que nunca mais tinha apparecido.

Giacomo Fondi poz-me em cima da sella com um só braço; tinha de ser assim sempre. O Rei, ajudado por Demetrio, conforme poude, lá montou tambem. Harris e o sobrinho saltaram para os cavallos. O Maltez, o Demetrio e o guia seguiram a pé.

Em caminho approximei-me de Harris, que me contou como fôra que a filha do Rei cahira em seu poder.

«Cheguei do meu cruzeiro contente comigo e todo inchado por haver afogado uma meia duzia de peraltas. Ancóro no Pireu no domingo ás seis horas e venho a terra. Como havia oito dias que vivia isolado com o meu estado maior, não se me dava d'uma extravaganciasinha d'um bocado de palestra. Tomo uma tipoia no porto e ajusto-a por toda a noite. Chego a casa de Christodulo. Consternação geral! Estavam lá todos para a ceia: o Christodulo, a Maroula, o Demetrio, o Giacomo, o William, o sr. Mérinay e a pequenina dos domingos cada vez mais endomingada. O William conta-me o caso. O que eu berrei! Estava furioso de ter estado fóra aquelles dias. O pequeno diz-me que fez quanto poude; bateu a todas as portas da cidade em busca de quinze mil francos; mas os paes abriram-lhe apenas um credito limitadissimo. O caso é que não arranjou o dinheiro. Foi, só por descargo de consciencia, ter com o sr. Mérinay; mas o suavissimo sr. Mérinay diz que todo o seu dinheiro o emprestou a uns amigos intimos, que moram muito longe d'aqui, muito longe, ainda mais longe que o fim do mundo.

— Mas com mil diabos, disse eu a Lobster, é com moeda de chumbo que devemos pagar a esse velho patife! Tratemos de organisar uma caçada aos pallicaros. Prazer dobrado é atirar contra caça que se defende. Arranja-me polvora e ballas e ámanhã pela manhã entramos em campanha.

«O William pega na isca e o Giacomo dá na mesa um dos seus bem conhecidos murros. Jura acompanhar-nos, comtanto que se lhe dê uma espingarda d'um cano só. Mas o mais enthusiasmado era o sr. Mérinay, que queria tingir as mãos no sangue dos criminosos.

«Eu puz-me a rir, satisfeito, tanto mais que sempre se está alegre na vespera d'uma batalha. O Lobster estava todo contente por poder mostrar aos ladrões os progressos que havia feito. O Giacomo não podia suster a alegria; os cantos da bocca chegavam-lhe ás orelhas. O sr. Mérinay tinha um resplendor; já não parecia um homem, parecia um fogo de vistas.

«O resto dos curiosos tinha caras de palmo. A

pasteleira não fazia senão benzer-se. O Demetrio erguia os olhos para o céo. O tenente de phalange aconselhava-nos a que pensassemos maduramente antes de nos metter com o Rei das Serras.

«Mas a pequena do nariz abatatado, aquella a que o meu amigo poz o nome de *Crinolina invariabilis*, abysmára-se n'um desgosto que dava vontade de rir. Suspirava como um rachador de lenha, só comia por cerimonia e tão pouco que o que ella metteu na bocca cabia-me no olho esquerdo.

— E' uma santa rapariga, Harris, disse-lhe eu.

— Nunca lhe pude perdoar os vestidos que sempre se mettem debaixo dos pés da minha cadeira, o cheiro de patchouli que ella espalha, e os olhares enternecidos e pasmados com que dá volta á mesa. Parece, palavra, que não é capaz de olhar para uma garrafa sem a namorar.

«A's nove horas foi-se para o collegio; desejei-lhe uma boa viagem. Dez minutos depois, aperto as mãos dos amigos, combinando encontrarmo-nos no dia seguinte; saio, acordo o cocheiro, e agora adivinhe quem eu encontro na carruagem? A *Crinolina invariabilis* com a criada do pasteleiro!

«Ella põe um dedo na bocca, eu subo sem dar palavra e a carruagem abala.

— Sr. Harris, diz-me ella em menos máo inglez, jure-me que renuncia aos seus projectos contra o Rei das Serras.

«Ponho-me a rir e ella põe-se a chorar. Diz-me que morrerei, respondo-lhe que eu é que matarei os outros; não quer que matem o Hadgi-Stavros; quero saber porque e por fim, já de eloquencia falha, exclama, como no quinto acto d'uma tragedia:

— E' meu pae!

«Em vista do exposto, ponho-me a meditar seriamente. Uma vez por outra não faz mal. Parece-me que é possivel recuperar um amigo perdido sem arriscar a pelle de mais dois.

— Seu pae é seu amigo? pergunto á joven pallicara.

— Mais que da propria vida.

— Já alguma vez lhe recusou alguma coisa?

— Nada que me seja preciso.

— E se lhe escrevesse pedindo que lhe remettesse o sr. Hermann Schultz, mandar-lh'o-hia na volta do correio?

— Isso não.

— Tem a certeza d'isso?

— Toda.

— Então, minha sr.ª, só me resta um remedio. Para bandoleiro, bandoleiro e meio. Levo-a para bordo da *Fancy* e guardo-a como refens até á volta do sr. Hermann.

— Ia propôr-lh'o. Por esse preço o papá não deixa de entregar o seu amigo.

Não pude deixar de interromper a narração de John Harris.

— Pois não admira essa pobre rapariga que tanto o ama, que assim toda se lhe entrega?

— Pudéra não! Era o unico meio de salvar seu honrado papá. Bem devia de saber que, uma vez declarada a guerra, lhe haviamos de deitar mão.

«Prometti tratal-a com toda a consideração que uma senhora deve merecer a um homem de bem. Até ao Pireu não fez senão chorar e eu consolei-a como pude.

— Sou uma mulher perdida! murmurava baixinho.

«Eu prometti-lhe que a haviam de encontrar.

«Ajudei-a a descer da carruagem e a embarcar com a criada no escaler, que nos espera agora. Escrevi ao velho patife uma carta muito categorica e mandei outra vez a criada á cidade com um recadinho para o Demetrio.

«A bella inconsolavel mandei que a tratassem como uma infanta.

«Esperei a resposta do pae até segunda feira á noite; depois faltou-me a paciencia e volvi á primeira idéa; peguei nas pistolas; fiz signal aos meus amigos, e o resto já sabe.

«Agora a sua historia. Deve dar pelo menos um volume.

— Um instante, disse. Preciso dizer duas palavras ao ouvido de Hadgi-Stavros.

Cheguei-me ao Rei das Serras e disse-lhe baixinho:

— Não sei porque foi que lhe disse que a Photini gostava do John Harris. Foi o medo que me transtornou a cabeça. Agora conversei com elle e juro-lhe sobre a cabeça de meu pae que ella lhe è tão indifferente como se nunca se houvessem conhecido.

O velho agradeceu-me com um gesto de mão e deixei-o para ir contar a Harris as minhas aventuras com Mary-Ann.

— Bravo! disse me. O romance ficaria incompleto sem um bocadinho d'amor. Pois amor não lhe falta e tanto melhor.

— Perdão, respondi. Não se trata de amor; simples amizade por meu lado, por outro um bocadinho de gratidão. Que mais é preciso para um auspicioso enlace?

— Case, meu amigo. Desejo ser sua testemunha.

— E bem o merece, John Harris.

— Quando torna a vel-a? Desejaria assistir á entrevista.

— Desejava fazer-lhe uma surpreza, encontral-a como por acaso.

— Depois de ámanhã, no baile da côrte. Ambos estamos convidados. Até lá, meu rapaz, fique-se a bordo do meu navio para restaurar as suas forças. Tem os cabellos queimados e os pés em máo estado. Tudo se ha de remediar.

Eram seis horas da tarde, quando o escaler da *Fancy* nos depoz a bordo. O Rei das Serras foi preciso leval-o, porque não se tinha nas pernas. A Photini cahiu-lhe nos braços chorando. Não poude com a alegria de ver sãos e salvos, depois do combate, a quantos amava. Mas achou o pae envelhecido com mais vinte annos. Talvez também a molestasse a indifferença de Harris, que a entregou ao pae com uma semcerimonia perfeitamente americana:

— Estamos desobrigados. Entregou-me o meu amigo, entrego-lhe a sua filha. Amigos, amigos, negocios á parte. E agora, augusto velho, sob que climas abençoados irá procurar quem o enforque? Não me parece que seja homem para desde já pensar em reformar-se.

— Queira perdoar, respondeu com certa altivez. Disse adeus ao bandoleirismo e para sempre. Que faria eu nas serras? Toda a minha gente é morta, ferida ou dispersa. Poderia levantar outra; mas estas mãos, que obrigaram tanta cabeça a baixar-se, estão perdidas para o serviço. Substituam-me os novos; mas não creio que possam egualar minha fortuna e minha fama. Que prestimo acharei n'este resto de velhice que me concederam? Não sei por ora; mas hei de bem aproveitar meus ultimos dias. Quero estabelecer a minha filha e dictar as minhas memorias. Talvez até, se os abalos d'esta semana me não prejudicarem muito o cerebro, eu dedique ao serviço do estado meu talento e experiencia. Conceda-me Deus a saude do espirito e dentro em seis mezes estou presidente do conselho.

(*Continua*).

SCIENCIA MODERNA

XXIII

UM NOVO FECULOMETRO

A substancia que dá valor nutritivo e commercial á batata é a *fecula*. A percentagem em fecula da batata pode orçar desde 13 a 14 % até 23 %. Até hoje, os vendedores não teem attendido, para o calculo do seu preço, á percentagem em fecula que estas contêem, tendo estas obtido um preço egual independentemente d'essa quantidade, o que não deveria succeder. A maior percentagem em fecula, deveria corresponder maior preço, e viceversa, porque d'ahi depende o seu valor nutritivo.

Talvez este facto seja devido á falta de um apparelho de manipulação facil, de modo que rapidamente se possa avaliar a densidade dos tuberculos e conjunctamente a sua percentagem em fecula.

Este inconveniente remediar-se-ha com o novo apparelho que passamos a descrever?

As vantagens que elle apresenta sobre todos os outros feculometros são enormes e parecem demonstrar que de futuro venha a ter uma grande applicação.

Apresenta, como primeira vantagem a precisão rigorosa na indicação da densidade approximada até ás millessimas, o que o torna superior a todos os outros apparelhos da mesma especie; em seguida, a sua manipulação não carece de operações difficultosas porque o seu manejo é simplicissimo.

Em ultimo logar, a construcção do apparelho é facillima.

Funda-se este apparelho no principio dos areometros de pezo constante e volume variavel.

E' composto:

1.º De uma cuva onde se colloca um corpo pezado (por exemplo, grenalha de chumbo) com o fim de manter o equilibrio na agua.

2.º Um fluctuador cuja secção horizontal é uma corôa, o qual é hermeticamente fechado para que a agua não penetre n'elle.

3.º Uma haste fixa ao centro do fluctuador e graduada. De cada lado d'esta, ha uma columna de numeros, a da esquerda indica as densidades expressas até ás millessimas, a da direita, a riqueza em fecula correspondente. Como o apparelho deve ser introduzido na agua, annexa-se-lhe, um vazo cylindrico de 0m,50 de profundidade, e 0m,30 de diametro.

Precisão das indicações. Foi uma das vantagens que já deixámos apontadas. As densidades sendo-nos dadas até ás millessimas, qualquer diminuição ou augmento na densidade faz com que o apparelho suba ou desça na agua, uma quantidade muito apreciavel.

A temperatura externa não impede as operações. Estando o tempo mais quente, a agua do reservatorio ficando mais leve, o tuberculo torna-se mais denso, o que compensa.

Manipulação. Colloque-se 1 kilogramma de batata secca ou qualquer outro producto agricola, no vacuo central do fluctuador, e leia-se o ponto de affloramento na escala que dá a densidade e riqueza correspondente em fecula.

3-11-900.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

Novas revistas

E' sempre com muito prazer que verificamos a existencia de mais alguma revista portugueza litteraria, scientifica ou artistica. Destacamos hoje as seguintes:

Bohemios — Publicação mensal de litteratura e arte — Directores: Antonio Carvalhal e Gonçalves Dias — Porto, 1900;

O Lavrador — revista agricola mensal publicada pela Associação dos regentes agricolas — Lisboa 1900;

Rivista italiana di scienze lettere arti e teatri — Directtore: Carlo Cox Catangaro — Firenze — 1900;

La Industria Alemana de las Máquinas — Berlim S. W — 1900;

Rocha Pombo — Compendio de Historia da America. — *Obra didactica, premiada com o primeiro premio em concurso perante a Directoria geral de instrucção publica da Capital Federal, e adoptada para os estabelecimentos de ensino do mesmo Districto.* — Rio de Janeiro. Laemmert & C.ª, editores. 1900.

Este é, sem objecção possivel, um livro de grande importancia para o conhecimento geral da vida historica da America e das jovens nacionalidades americanas, que se desprenderam da velha dominação europea.

Apesar de ser feito pelos moldes obrigatorios d'um programma official, o *Compendio* do sr. Rocha Pombo não tem a seccura d'uma obra puramente escolar, e ao seu caracter didactico ajunta com vantagem as excellencias da fórma litteraria, que lhe dão relevo e brilho, tornando-o interessante para todos os estudiosos e util para todos os leitores.

O competente *parecer*, que recahiu sobre este trabalho de folego, e vem transcripto á frente d'elle, preconisa as qualidades d'artista indispensaveis a todo o escriptor que se abalance a tratar d'assumptos d'esta ordem, — e reconhece-as, com razão, no auctor da *Historia da America*. E são do mesmo parecer, formulado pelo dr. Manuel Bomfim perante o Conselho superior de instrucção publica do Districto Federal, as seguintes linhas, que teem a severidade synthetica d'um juizo critico:

«O estylo é geralmente vigoroso, e, longe de gerar essa apathia ou fastio que sentimos diante do commum das *historias* modernas, chega a impressionar e commover. O auctor é um espirito apaixonado. Ha occasiões em que se mostra quasi eloquente, apesar das ligeiras incorrecções de linguagem, incorrecções devidas, talvez, á precipitação com que foi o trabalho executado, e que serão facilmente corrigidas.»

Sinceramente, estamos d'accordo com o elogio e com o reparo; mas não achamos bem cabido aquelle *quasi* restrictivo, que antecede a qualificação de *eloquente*. Na verdade, o dom preponderante na prosa do sr. Rocha Pombo é justamente a eloquencia. Este predicado raro não lhe embaraça o methodo nem a proficiencia da exposição, e concorre sobremodo para exalçar o valor do *Compendio de Historia da America*, no seu duplo effeito d'obra de instrucção e de propaganda.

Cada vez mais a Europa está precisando de observar com attenção o esforço ascensional da America, que vae completando sempre a sua emancipação politica pela via da emancipação espiritual. A sabida formula da *America para os americanos* deixou de ser uma simples recommendação de Monroe, para uso sómente dos Estados Unidos; e tomou já a extensão d'um principio philosophico, adoptado por todas as nações da America.

O livro do sr. Rocha Pombo filia-se evidentemente n'esse largo movimento intellectual.

Rocha Pombo — O Paraná no Centenario. — 1500-1900. — Rio de Janeiro, 3 de maio de 1900. Typographia Leuzinger.

Aquella eloquencia natural, que caracterisa o estylo do sr. Rocha Pombo, reproduz-se tambem n'esta outra obra do mesmo auctor, com cuja noticia só agora podemos subsidiar a valiosa bibliographia do quarto centenario do descobrimento do Brasil.

O que desde logo recommenda este livro á nossa reconhecida sympathia é o enthusiasmo, cheio de lyrismo e d'amor, com que o esclarecido historiographo do Paraná celebra os feitos heroicos de Portugal, que foi senhor dos mares innavegados e de novos continentes, e teve ainda a fortuna de perpetuar n'um poema sem egual a memoria do seu impulso extraordinario para a civilisação do mundo.

Referindo-se ao movimento concorrente das navegações de descoberta e de conquista, no seculo XV, o sr. Rocha Pombo escreve estas palavras justiceiras:

«E' por isso que o poema de Camões é a verdadeira epopéa moderna para todos os povos: elle celebra os novos heroes que — excedendo os antigos — venceram a velha divindade temerosa. Queremos porventura um canto bem edificante, proprio para arrebatar as almas no meio das festas com que estamos commemorando o seculo glorioso? — Ahi está a immortal epopéa dos mares!»

Como estudo minudenciado da chorographia e da historia paranaenses, o livro do sr. Rocha Pombo parece-nos muito completo, — e assim deixa de ter uma feição exclusivamente *centenal*, isto é, d'occasião, para ser em qualquer tempo uma obra de consulta, com todos os requisitos d'uma boa e lucida Chronica.

E a sua leitura suggere-nos ainda a idéa de que haveria grande conveniencia em tornar bem conhecidas, entre nós, as incomparaveis bellezas e riquezas naturaes do Paraná, favorecido por um clima excellente, afim de se desviar para aquelle florescente Estado alguma parte consideravel da emigração portugueza, que cegamente obedece a rumos e a processos rotineiros.

Os nossos applausos, emfim, ao notavel escriptor brasileiro.

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

MAESTRO MARINO MANCINELLE

ASPECTO DA SALA DO RISCO NO BANQUETE OFFERECIDO AOS OFFICIAES DA ESQUADRA INGLEZA, EM 8 DO CORRENTE